

A VIDA, A MILITÂNCIA E A EDUCAÇÃO: AUTOBIOGRAFIA SIRLEI ANTONINHA KROHT GASPARETO

LIFE, MILITANCY AND EDUCATION: AUTOBIOGRAPHY SIRLEI ANTONINHA KROHT GASPARETO

LA VIDA, LA MILITANCIA Y LA EDUCACIÓN: AUTOBIOGRAFÍA SIRLEI ANTONINHA KROHT GASPARETO

Sirlei Antoninha Kroth Gaspareto*
sirlei@unochapeco.edu.br

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: GASPARETO, S. A. K. A vida, a militância e a educação: autobiografia Sirlei Antoninha Kroth Gaspareto. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 37, p. 181-207, jan./abr. 2016.

RESUMO: A autobiografia que apresento é parte de minha trajetória de vida. Trajetória esta que tem como perspectiva a militância no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e a atuação na educação superior como professora. O texto apresenta aspectos que caracterizam a infância no campo, mostra como foi necessário deixar a família e o meio rural para estudar e, ao mesmo tempo, para conhecer a realidade dos empobrecidos. Este texto também faz referência ao tempo de inserção pastoral na diocese de Chapecó, o qual foi a porta de entrada para um trabalho de maior comprometimento através do engajamento pastoral. A partir desta atuação foram sendo elaboradas as bases de uma inspiração teórica que marcaram minha trajetória. Mas é no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) que fui aprendendo e repensando práticas pedagógicas e educativas que caracterizam um perfil de militante pesquisadora e pesquisadora militante. Ao longo do texto destaco uma das diferentes pedagogias do MMC, que visa comunicar sua mensagem através do teatro, e também explico alguns aspectos relacionados à militância partidária. Em seguida, mostro a importância do papel de professora-pesquisadora com responsabilidade militante. Por fim, trato ainda, no âmbito da minha trajetória, sobre a perspectiva de gênero a partir da compreensão de empoderamento das mulheres em luta pela igualdade e faço menção à experiência estabelecendo uma relação entre o curso de pedagogia e o MMC. Neste sentido, na perspectiva da “dupla militância”, abordo os desafios de articulação das problemáticas das práticas educativas construídas pelo MMC e das práticas pedagógicas produzidas pela universidade, tendo como referência básica o comprometimento com as lutas por transformação.

Palavras-chave: Autobiografia. Militância. Movimento de Mulheres Camponesas. Práticas Educativas.

ABSTRACT: The autobiography I present is part of my life story whose perspective militancy in the Movement of Peasant Women (Movimento das Mulheres Camponesas – MMC) and the performance in higher education as a teacher. The text presents aspects that characterize childhood in the countryside, it shows how it was necessary to leave the family and the countryside to study at the same time know the reality of impoverished. It also makes reference to the pastoral insertion time in the diocese of Chapecó which was the gateway to a greater commitment by pastoral engagement. From this activity begin to be developed the foundations of theoretical inspiration that have marked my journey. But, in the Movement of Peasant Women I learned and rethought pedagogical and educational practices that have characterized a profile as militant researcher and activist researcher. Throughout the text I highlight one of the different pedagogies MMC aimed at communicating its message through drama, and also I explicit some aspects related to the party militancy. Then I show the important role as teacher-researcher-militant. Finally, I try even in the context of my career on a gender perspective from empowerment for all women in the struggle for equality and I make mention of the experience establishing a relationship between the course of pedagogy and the MMC. In order from the perspective of “double militancy”, I discuss the challenges of articulating the problems of educational practices built by MMC and pedagogical practices produced by the university with the basic reference commitment to the struggle for social transformation.

Keywords: Autobiografia. Militancy. Gender. Peasant Women Act. Educational Practices

* Militante do MMC e Professora do Curso de Pedagogia da Unochapecó. Concluindo no ano de 2015 o exercício de coordenadora deste curso. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul – PPGDR/UNISC. Grupo de pesquisa Desenvolvimento Regional. Militante do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e Professora do Curso de Pedagogia da Unochapecó – concluiu, no ano de 2015, o exercício de coordenadora deste curso. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul – PPGDR/UNISC. Faz parte do Grupo de pesquisa Desenvolvimento Regional desta mesma universidade.

RESUMEN: La autobiografía que presento hace parte de mi trayectoria de vida. Trayectoria esta que tiene como perspectiva la militancia en el Movimiento de Mujeres Camponesas (MMC) y la actuación como maestra en la educación superior. El texto presenta rasgos que caracterizan la infancia en el campo, muestra cómo fue necesario dejar la familia y el medio rural para estudiar y para conocer la realidad de los empobrecidos. Este texto también hace referencia al tiempo de inserción pastoral en la diócesis de Chapecó, lo cual fue la puerta de acceso para un trabajo de más compromiso. A partir de esta actuación se fue siendo elaborada las bases de una inspiración teórica que marcaron mi trayectoria. Pero, fue en el Movimiento de Mujeres Camponesas (MMC) que he aprendido y repensado prácticas pedagógicas y educativas que caracterizan un perfil de militante-investigadora e investigadora-militante. A lo largo del texto destaco una de las diferentes pedagogías del MMC, que objetiva comunicar su mensaje por medio del teatro, y también explícito algunos aspectos relacionados a la militancia partidaria. En seguida, muestro la importancia del rol de maestra-investigadora con responsabilidad militante. Por fin, aún en el ámbito de mi trayectoria, discuto la perspectiva de género a partir de la comprensión del empoderamiento de las mujeres en lucha por igualdad y menciono la experiencia estableciendo una relación entre la carrera de pedagogía y el MMC. En el sentido de la perspectiva de la “doble militancia”, abordo los desafíos de articulación de las problemáticas de las prácticas educativas construidas por lo MMC y de las prácticas pedagógicas producidas por la universidad, teniendo como referencia básica el compromiso con las luchas por la transformación social.

Palabras-clave: Autobiografía. Militancia. Movimiento de Mujeres Camponesas. Prácticas Educativas.

1 INTRODUÇÃO

Autobiografia, acima de tudo nos possibilita a livre escolha sobre o que vai ser escrito em relação a si mesma. Daquilo que é dito, escrito e publicado, nada é inventado. Trata-se de narrativas sobre as próprias histórias de vida permeadas pela subjetividade de quem escreve. Cumpre destacar que, grande parte das memórias aqui contidas, é oriunda da dissertação de mestrado¹ de Monica Maria Tourinho Oldiges que, nesse âmbito, realizou entrevista, no sentido de construir um memorial sobre a minha “dupla militância”, isto é, no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e como professora da Unochapecó.

O escopo central do trabalho da autora foi refletir sobre as contribuições das práticas educativas do Movimento de Mulheres Camponesas para com a universidade e da universidade em relação com este Movimento. Em outras palavras, a dissertação de mestrado supramencionada, buscou problematizar sobre a relação entre a Educação e a vida camponesa, mais especificamente, sobre a Pedagogia formal (curso) e a experiência pedagógica e formativa vivenciada na militância dentro do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC, bem como abordou os desafios de possíveis articulações das problemáticas nas práticas educativas construídas pelo MMC relacionando-as com as práticas pedagógicas produzidas pela universidade.

Antes de falar sobre as minhas memórias, considero pertinente destacar que, é verdadeiro que todo relato de fatos, em textos autobiográficos, frequentemente se expressa permeado por lembranças, demarcados pelo colorido emocional, que, normalmente, não é tratado em outros tipos de textos. Entretanto, faço questão de registrar que, ao aceitar

¹ OLDIGES, Monica Maria Tourinho. *O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e os cursos de Licenciatura em Pedagogia: Investigando as possibilidades de intercâmbio e diálogo no âmbito das práticas educativas*. PPGD/Unochapecó, 2014.

o desafio de socializar minha autobiografia direcionada pela temática já mencionada, para fins acadêmicos e creio eu, políticos, o faço com a mais profunda consciência de que todo relato que trata de minha inserção no MMC se dá numa perspectiva militante e acadêmica que é de reciprocidade. Quero dizer que minha história de vida e de luta, no que se refere à militância, se confunde com a história de vida e de luta do Movimento de Mulheres Camponesas e isto determina uma perspectiva acadêmica. Assim como o Movimento é a expressão das vivências, trajetórias e experiências de todas as suas militantes. As militantes falam a partir de suas realidades cuja característica básica se expressa pelos pares dialéticos reflexão e ação, teoria e prática, teoria e método e outros.

Elas tomam decisões. Selecionam esses pares dialéticos que se articulam, ora negando, ora afirmando, apontando movimentos, recuos, avanços, contradições e superações, de acordo com questões objetivas vividas no cotidiano das lutas do MMC. Todo esse movimento, em torno das práticas educativas na educação do campo, vai fazendo com que nós mulheres militantes, tenhamos que elaborar posições políticas frente às ameaças de destruição da vida social, política, econômica e cultural.

É nesse contexto, que minhas memórias vão sendo resgatadas, construídas e contadas. E vão elaborando posições defensivas mais fortes, frente às ameaças à vida. É centralmente neste contexto que os saberes vão sendo elaborados e construídos.

Para assegurar este comprometimento de reflexão sobre como o processo contínuo de formação e ensino aprendizagem se efetivou no espaço do Movimento Popular e no curso de Pedagogia, no dia 21.02.2014, em reunião da Direção Executiva do Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina (MMC/SC), solicitei autorização para falar publicamente de tais processos através da autobiografia, deixando claro para as dirigentes da direção executiva deste Movimento, que esta é mais uma tarefa assumida na condição de militante, hoje inserida no espaço da universidade. E, mais, a versão final, antes de ser entregue aos membros da academia foi enviada à Executiva do MMC, para leitura, análise e contribuições.

2 INFÂNCIA NO CAMPO

Nasci no dia 13 de junho de 1962, em Lomba Alta, pequena comunidade que pertencia a Arroio do Tigre/RS. Com apenas dois meses de idade, meus pais, Osvaldo Kroth e Gentile De Nardi Kroth mudaram-se para Crissiumal/RS, como a maioria das famílias neste país foram em busca de melhores condições de vida e trabalho. Meu pai, Osvaldo Kroth (*in memoriam*) era pequeno agricultor e professor (antigo primário), passou a lecionar na escola da comunidade rural de Barra do Lajeado Grande, por alguns anos. Aposentou-se como agricultor. Quando parou de dar aulas,

quem assumiu como professora e me alfabetizou, foi Gentile De Nardi Kroth, (mãe) que permaneceu neste ofício até se aposentar. Sou a 5.^a filha de uma família de sete filhos. Atualmente sou casada com Darci Gaspareto e tenho um filho de 13 anos, Matheus Kroth Gaspareto. Desde o berço trago as marcas da educação e da vida simples do campo.

A comunidade da Barra do Lajeado Grande, município de Crissiumal, é um lugarejo conhecido na região por ter sido marcado por repetidas enchentes do Rio Uruguai. Em 1965 foi o ano da maior enchente daquele lugar. Eu tinha três anos de idade. Minha mãe sempre relata que as enchentes atraíam pessoas de outros lugares, da cidade e interior para ver o agitado Rio Uruguai que alagava, atingindo muitas casas, destruindo plantações, arrancando árvores, adentrando em muitos galpões de fumo, colocando as famílias em situações de grandes dificuldades e prejuízos.

Ver as balsas descendo no Rio Uruguai, algumas arrebatavam na água, chamando atenção de todos, principalmente das crianças, que acompanhavam tais movimentos da natureza, permanecem vivas na memória. Recordo-me como se fosse hoje, acordávamos pela manhã com ansiedade para ver quantos metros o Uruguai havia crescido ou se estava baixando! Neste ano, (1965) nasceu meu irmão mais novo (Gilberto José Kroth). O 6.^o da família.

Para garantir a sobrevivência da família, meu pai e irmãos mais velhos plantavam fumo, mandioca, verduras, produção de pequenos animais para o autossustento familiar, como é o caso, das galinhas, porcos, vacas de leite entre outros e organizavam a colheita de frutas, como: laranja, abacaxi, abacate, tangerina, melancia, melão...

As frutas colhidas em nossa propriedade e algumas compradas dos vizinhos eram comercializadas nas cidades próximas da região de Crissiumal, como Três Passos, Humaitá, Campo Novo, Santo Augusto. Meu pai tinha uma camionete pequena com a qual fazia o transporte. Saindo de manhã e retornando à noite ou no dia seguinte. Assim, minha infância foi se desenvolvendo em meio às dificuldades, alegrias e valores apreendidos em família e na comunidade rural.

Recordo-me com saudades da vida naquele pequeno lugar. Como gostávamos dos serões em noites de luar, daquelas práticas comuns que foi inculcando em nós uma cultura da partilha. Pois sempre foi tarefa das crianças, por exemplo, quando se carneava um porco, levar um pedaço de carne aos vizinhos. Da mesma forma quando se fazia melado... e a retribuição era um gesto corriqueiro. Quando menos esperávamos, aparecia alguém com algum alimento para compartilhar.

A partilha dos alimentos colhidos era uma simbologia que indicava a solidariedade, a entreatajuda e a amizade entre as famílias do campo. Outro aspecto importante e que se tornava corriqueiro naquela época, principalmente entre as mulheres, era a troca de sementes, de mudas de flores. Dificilmente quando se visitavam, as mulheres

voltavam para suas casas sem alguma “mudinha diferente” que ainda não tinha.

Tomar banho no Rio Uruguai era uma grande diversão. Quase sempre reunia mais de uma família, muitas crianças da comunidade, era uma festa! Eu brinquei muito quando criança. O que eu mais gostava era de jogar futebol. Com 12 anos de idade jogava no time feminino da comunidade. Inúmeras vezes saímos para jogar fora do município. Meus pais, pessoas simples, tolerantes, mas rigorosas no trato, sempre zelaram por uma educação fundamentada em práticas de valores.

Assim posso afirmar que as marcas da vida camponesa, bem como da educação encontram suas origens na infância. Uma inclinação para o magistério já que meu pai e minha mãe eram professores. Neste sentido, os significados desta *experiência*² foram aprendendo e reelaborando no MMC/SC. O que certamente tem fortes influências nas decisões e escolhas que fui fazendo ao longo do tempo.

Sempre gostei de estudar e não admitia “tirar nota baixa”. Muito cedo, fui assumindo liderança. Com 12, 13 anos coordenava o grupo de jovens da comunidade.

3 “PRIMEIROS PASSOS” NA INSERÇÃO NAS CAUSAS POPULARES

Na época, as congregações religiosas faziam um trabalho intenso nas comunidades do município. Isto foi motivando muitas meninas das comunidades a buscar outros sonhos. Comigo não foi diferente. Aos 16 anos, fui estudar no colégio Nossa Senhora Medianeira em Santa Maria RS, dirigido pelas Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Lá fiz a 7ª e 8ª série. Cursei o magistério no Instituto Olavo Bilac de Santa Maria/RS. Ali foi minha primeira experiência como professora. Alfabetizei uma turma de alunos do primeiro ano, considerados “difíceis.” Guardo comigo a foto que recebi do Cleiton, um menino que apresentava muitas dificuldades tanto no processo de aprendizagem quanto na socialização, nas interações e relações interpessoais. A lembrança ficou em forma de gratidão por ter aprendido a ler, escrever e conviver melhor em comunidade. Conheci e vivenciei por muitos anos a experiência em Comunidades Eclesiais de Base - CEBs.

Foi neste período, que despertei para uma maior tomada de consciência da realidade social. Pouco a pouco fui entendendo com a luta popular aquilo que é repetido sempre: “A gente nunca começa do zero, sempre há uma realidade que permeia os saberes, que possibilitam a produção de conhecimento(s). Pés no chão significa ler a realidade”. No movimento isso foi ficando mais claro, conforme explicarei mais adiante.

Os melhores anos de minha juventude foram imersos na luta popular, onde aprendi e vivenciei múltiplos significados de uma educação não formal. Posso dizer que nos diferentes contextos históricos estive em espaços onde

² Refiro-me a categoria da “experiência” em Thompson como ponto de referência, para compreender a relação entre objetividade e subjetividade. Esta expressa que a experiência é a “influência do ser social sobre a consciência social. Constitui-se numa categoria que, auxilia a pensar como as respostas sociais, a muitos acontecimentos inter-relacionam-se” (THOMPSON, 1981, p. 15).

uma militante deve estar. A porta de entrada para minha decidida inserção social foi pela igreja. Toda minha trajetória, desde os 16 anos, de estudante à agente de pastoral, foi neste espaço onde me encontrei com as duas fontes que reafirmaram as características mais expressivas de minha trajetória: a educação e a militância social.

4 NA DIOCESE DE CHAPECÓ: ENGAJAMENTO PASTORAL

Eu venho de uma tradição de igreja engajada na defesa da vida que me despertou para uma fé comprometida. É interessante por que este foi um espaço importante não somente para as mulheres, mas para o conjunto de trabalhadores que foram organizando os Movimentos Populares no início dos anos de 1980 na região Oeste de Santa Catarina. Falo com orgulho da igreja das Comunidades Eclesiais de Base, CEBs, esta igreja que nos colocou frontalmente no contato com os pobres, com as mulheres, com os povos indígenas, negros, com as minorias.

A referência é a igreja de D. José Gomes, que desde início dos anos de 1980, reorientou toda sua ação pastoral fundamentada na Teologia da Libertação. A minha experiência mais significativa, foi na Paróquia Santa Inês de Quilombo/SC, na condição de agente de pastoral liberada. O que aprendi, aprendi! Também ensinei! Não esqueci nunca mais... de forma que trago comigo as marcas de uma formação religiosa e histórica crítica.

5 INSPIRAÇÃO TEÓRICA QUE MARCOU A TRAJETÓRIA

Eu preciso deixar registrado que, ao mesmo tempo em que ouvia falar e falava de Jesus Cristo, também ouvia falar e falava de tantos lutadores/as que se inspiravam em Karl Marx e outros mais. Mas devo esclarecer que a figura de Jesus Cristo que foi exercendo influência sobre mim, pode ser traduzida pela formação fundamentada na teologia feminista, que apresentava Jesus na perspectiva feminista. Onde a questão central é a afirmação de que mulher também é *gente*! Eu fiz teologia na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo e estes temas eram polemicamente debatidos. Os leitores/as poderão imaginar quanta encrenca dentro da igreja e fora dela por estas concepções.

Não é difícil entender. Basta analisar como as mulheres são tratadas na sociedade hoje. Lembro bem que muitos diziam: “isto é anacronismo”, mas as mulheres insistentemente argumentavam: “É claro que no tempo de Jesus, o conceito de feminismo não existia. Mas, as atitudes de Jesus diante das mulheres, quando elas tomavam a iniciativa ou quando Jesus se dirigia a elas, podem ser lidas, interpretadas, concebidas na perspectiva feminista, no sentido de reconhecer à mulher a mesma dignidade do

³ Assim fala Leonardo Boff: “No dia 21 de junho concluiu sua peregrinação terrestre no Rio de Janeiro uma das mulheres brasileiras mais significativas do século XX: Rose Marie Muraro (1930-2014). Nasceu quase cega. Mas fez desta deficiência o grande desafio de sua vida. Cedo intuiu que só o impossível abre o novo; só o impossível cria. É o que diz no seu livro *Memórias de uma mulher impossível* (1999, p. 35). Com parquíssima visão formou-se em física e economia. Mas logo descobriu sua vocação intelectual: de ser uma pensadora da condição humana especialmente da condição feminina. Foi ela que no final dos anos 60 do século passado suscitou a polêmica questão de gênero. Não se limitou à questão das relações desiguais de poder entre homens e mulheres, mas denunciou relações de opressão na cultura, nas ciências, nas correntes filosóficas, nas instituições, no Estado e no sistema econômico. Enfim deu-se conta de que no patriarcado de séculos reside a raiz principal deste sistema que desumaniza mulheres e também homens. Realizou em si mesma um impressionante processo de libertação, narrado no livro *Os seis meses em que fui homem* (1990, 6. ed.). Mas a obra quicá mais importante de Rose Marie Muraro tenha sido *Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil* (1996). Trata-se de uma pesquisa de campo em vários Estados da federação, analisando como é vivenciada a sexualidade, tomando em conta a situação de classe das mulheres, coisa ausente nos pais fundadores do discurso psicanalítico. Neste campo, Rose inovou, criando uma grelha teórica que nos faz entender a vivência da sexualidade e do corpo consoante às classes sociais. Que tipo de processo de individuação pode realizar uma mulher famélica que, para não deixar o filhinho morrer, dá o sangue de seu próprio seio? [...] Depois de anos de longa discussão e estudo em conjunto reunimos nossas convergências num livro que considero seminal *Feminino & Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças* (RECORD, 2010). Destaco apenas uma frase dela: “educar um homem é educar um indivíduo, mas educar uma mulher é educar uma sociedade”. Sem deixar nunca de lado a questão do feminino (no homem e na mulher) voltou-se cedo aos desafios da ciência e da técnica moderna. Já em 1969 lançava *Autonomia e o futuro do homem* e previa a precarização do mundo do trabalho. A crise econômico-financeira de 2008 levou-a colocar a questão do capital/dinheiro com o livro *Reinventando o capital/dinheiro* (IDEIAS E LETRAS, 2012), onde enfatiza a relevância das moedas sociais e complementares e as redes de trocas solidárias que permitem aos mais pobres garantirem sua subsistência à revelia da economia capitalista dominante. Outra obra importante, realmente rica em conhecimentos, dados e reflexões culturais se intitula *Os avanços tecnológicos e o futuro da humanidade: querendo ser Deus?* (VOZES, 2009). Neste texto ela se confronta com a ponta da ciência, com a

homem. De trazer à tona a questão da igualdade. “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois são todos iguais em dignidade!”. Este é o argumento das mulheres e isto numa cultura patriarcal é uma afronta. Em muitas igrejas isto é mais conflitante do que se possa imaginar. Neste contexto, enfrentei muitas e grandes batalhas, inclusive na política.

Da igreja e da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, entre os nomes mais influentes em minha formação, destaco: o testemunho de fé e amor ao empobrecidos e doentes de Madre Paulina e de Frei Betto. Conheci suas ideias, ideais e as leituras que fiz da realidade e da Bíblia desde meus 20 anos. Assim também Leonardo Boff, Gustavo Gutierrez, Fernando Altimayer, Benedito Ferraro, Ivone Gebara, Elisabeth Schüssler Fiorenza, Maria Julieta Dias, Teresa Toldy, autora do primeiro livro em português sobre o tema: *Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista* (ed. Paulinas), publicado em 1998, entre outros.

No MMC, a obra que mais me marcou é o *Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir cuja máxima que toda militante aprende desde os primeiros dias que chega ao movimento é que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; isto é resultado daquilo que o conjunto da civilização elabora. É, portanto, construção social. Outra mulher que marcou minha formação como mulher foi *Rose Marie Muraro*³ que no início do movimento assessorou cursos para as mulheres. Também é bom destacar minha atuação pelo MMC na articulação com as mulheres camponesas da América Latina. Uma coisa que aprendi nesta trajetória é dialogar com a diversidade, respeitar as diferenças e intermediar a possibilidade de as pessoas crescerem e irem encontrando seus caminhos, descobrindo suas veredas e moldando os rumos de sua própria libertação, onde quer que eu esteja.

Como mulher, mãe, militante/educadora/professora, reafirmo convicções profundas de que dediquei todo meu esforço consciente para contribuir com um processo formativo de pedagogos (as) educadores(as) que se permitam responderem/enfrentarem os desafios colocados à educação no século XXI. A decisão consciente foi sempre deliberar sobre tudo o que constrói possibilidades para uma educação que leve os/as futuros/as pedagogos/as à intervenção qualificada na dinâmica da realidade.

Porém um dos aprendizados que trago do Movimento de Mulheres está no método dialético histórico e popular. É um processo participativo. Nunca impus o que talvez gostaria que fosse o curso de Pedagogia, mas sempre procurei construir com os coletivos, seja dos professores seja com as/os estudantes. O espaço pedagógico do Movimento possibilita a construção do novo sujeito. Não é por decreto nem muito menos por imposições.

O ideal que me move é a luta incondicional pela vida, pela igualdade humana e por uma sociedade livre de



nanotecnologia, a robótica, a engenharia genética e a biologia sintética. Vê vantagens nessas frentes, pois não é obscurantista. Mas pelo fato de vivermos dentro de uma sociedade que de tudo faz mercadoria, inclusive a vida, percebia o grave risco de os cientistas presumirem poderes divinos e usarem os conhecimentos para redesenharem a espécie humana. Daí o subtítulo: *Querendo ser Deus? Essa é a ingênua ilusão dos cientistas*. O que nos salvará não é essa nova Revolução Tecnológica mas, como diz Rose, é a “Revolução da Sustentabilidade, a única que poderá salvar a espécie humana da destruição... pois a continuarmos como está, não estaremos em um jogo ganha-perde e sim no terrível jogo perde-perde que significará a destruição de nossa espécie, na qual todos perderemos” (*Reinventando o Capital/dinheiro*, p. 238).

[...] Conclui seu livro *Os avanços tecnológicos* com esta sábia frase: “quando desistirmos de ser deuses poderemos ser plenamente humanos, o que ainda não sabemos o que é, mas que intuimos desde sempre” (p. 354). [...] Proclamada a 30 de dezembro de 2005, oficialmente pelo Presidente, Patrona do Feminismo Brasileiro e com a criação da Fundação Cultural Rose Marie Muraro em 2009 deixará um legado de fecundo humanismo para as futuras gerações. Faleceu em 21 de junho de 2014, no Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2014/06/22/rose-mrie-muraro-a-saga-de-uma-mulher-impossivel>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

qualquer mazela de servidão, opressão e exploração. Não descuidei de minha tarefa de mãe, mulher e militante com as mulheres camponesas.

Hoje dedico minha vida à educação popular (na academia e fora dela) como espaço que possibilita um processo formativo capaz de delegar às novas gerações autonomia para criar uma nova realidade humana. Escolhi para militar, enquanto viver, o Movimento de Mulheres Camponesas. Este processo educativo todo dia acrescenta elementos novos. Porque a vida é dinâmica, os contextos estão em disputas e o novo se faz em movimento. Tudo se recria!

Entre os anos de 1989 e 1992 fiz a graduação em Pedagogia na Universidade do Oeste de Santa Catarina, UNOESC, atual Unochapecó. Foi intencionalmente possível desde a graduação neste curso dialogar com espaços não formais da educação. Já naquela época tinha professoras estudando, pesquisando, escrevendo sobre os Movimentos Sociais, que motivavam este trabalho.

Era um tempo de maior aproximação entre a universidade e os movimentos sociais da região oeste. Tanto que meu Trabalho de Conclusão do Curso em 1992 foi o planejamento e execução de uma atividade pedagógica de formação para os jovens da Pastoral da juventude da Diocese da Chapecó, com o tema: *Metodologia do trabalho com a juventude rural e educação popular*. Neste período, conforme já mencionei anteriormente, atuava como agente de pastoral, fazendo parte da equipe de pastoral paroquial de Quilombo.

Neste município havia um intenso trabalho pedagógico de formação, organização e motivação para que houvesse uma inserção social dos cristãos, principalmente através dos Movimentos Populares. O conjunto de entidades, movimentos e organização, liderados pela igreja daquela época fez com que Quilombo se tornasse conhecido na região como um dos municípios que muito motivou pessoas a participarem das ocupações e assentamentos na luta pela Reforma Agrária, bem como a inserção e construção dos demais movimentos sindicais, populares e sociais, como é o caso do MMC, que mesmo com dificuldades continua sendo referência de luta e ousadia até os dias de hoje.

Foi um tempo em que se criou o que foi chamado na época de Curso de Formação Integral Popular promovido pela Paróquia Santa Inês com apoio das Entidades de Quilombo. O curso tinha sete etapas como tema: *Instrumental de Análise de Conjuntura: Local, Nacional e Internacional*; *Instrumental de Análise de Conjuntura Eclesial: Local, Nacional e Internacional*; *História do Povo de Deus I (Povo de Israel)*; *Historia do Povo de Deus II (Igreja)*; *Gênero e Classe*; *Fé e Política*; *Movimentos Populares e os Excluídos*.

Uma experiência ímpar que levou para Quilombo grandes nomes de teóricos pensadores da libertação, como Fernando Alt Mayer, Benedito Ferraro, Ranulfo Peloso, também contou com dirigentes de movimentos sociais da região como Francisco Dal Chiavon, Paulo Fernando Diel,

Pe. Adayr Mário Tedesco, Pedro Francisco Uczai, Eva Maria Cella Dal Chiavon, Ivone Sbaraine e eu também contribuí neste processo de formação. Vale destacar que também visitaram Quilombo contribuindo na luta popular poetas, cantores populares como Antônio Gringo do RS.

Este processo, naquele período, muito contribuiu para a reflexão teórico-prática e manter viva a chama das utopias que alimentam a possibilidade da construção de um projeto político que viesse ser capaz de responder aos desafios daquela realidade, articulando com uma perspectiva maior. Neste sentido, aquela experiência também criou condições para lideranças populares locais participarem de cursos e processos formativos fora do município.

Quilombo ficou marcado como um lugar de luta popular, que historicamente produziu muitas lideranças de movimentos sociais, hoje espalhados pelo Brasil. Esta é minha origem. De uma base consistente, que me aproximei dos movimentos populares e da luta popular. Nasci dentro deles e por eles fui orientando os passos de minha vida.

Pelo trabalho que fazíamos em Quilombo, fui sendo chamada para contribuir com assessorias em processo de formação, organização, lutas e trabalho de base do movimento, inicialmente no Estado de Santa Catarina, não demorando muito para se estender em nível de região sul e a nível nacional. Este processo foi me fazendo militante.

6 NO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS: APRENDENDO E REPENSANDO PRÁTICAS

Com o tempo, assumi a coordenação da formação no Movimento, já não era mais assessora, era dirigente. Quando saí da paróquia de Quilombo fui procurada por alguns dirigentes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), para integrar o movimento naquela ocasião. Foi ali, que olhando a situação das mulheres agricultoras, na época o Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina - MMA/SC, tendo em vista os legados de minha formação com assento na luta das mulheres e pela igualdade, fiz a escolha para dedicar minha vida a este Movimento, que estou até hoje.

O que mais chamou a atenção neste Movimento foi a garra, a coragem e a capacidade de as mulheres agricultoras enfrentarem a realidade de seu tempo, as rupturas que precisaram e precisam ser feitas e, em meio à luta pelos direitos, irem construindo uma ferramenta de maior complexidade que é hoje o MMC. Mas principalmente o processo de construção de saberes e compreender como o conhecimento vai sendo construído, elaborado e reelaborado, ganhando significados diferentes.

Cito como exemplo o sentido da agroecologia como ciência e como modo de vida reelaborado pelas mulheres. Como elas vão se conscientizando a partir do que fazem, do que vivem, do que começam ressignificar. Ao redor de suas

casas sempre têm flores, verduras. As mulheres produzem seus próprios alimentos. Começam a repensar a família, os filhos a partir de outras concepções de relações de gênero, de classe, de geração.

É no Movimento e em movimento que passam a compreender agroecologia como modo de vida. Fazem o resgate de sementes crioulas. Criam intercâmbios. Elaboram estratégias novas de resistência. Inauguram novas práticas. Ao invés de comprar sementes das empresas, produzem e trocam entre si.

Neste sentido, as sementes crioulas com as mulheres e a partir das mulheres inaugura um significado histórico. Para elas significa a vida. Significa alimentação, pois muitos camponeses e camponesas estão ameaçados pelo mercado das sementes. Elas sabem que a agroecologia é uma proposta política.

Desde há muito tempo as mulheres estão buscando se conscientizar sobre a importância de não usar agrotóxicos. Elas recuperam conhecimentos milenares que são passados de geração a geração. Como e o que plantar em cada época. As mulheres preservam a orientação de observar o tipo de lua adequada a cada produção. São saberes que fazem reviver o sentido da vida camponesa.

Tais conhecimentos vão sendo elaborados a partir da experiência de cada mulher. Cada uma tem acúmulos de experiências diferentes, de saberes e vão comunicando isto em seus intercâmbios. Em suas reuniões, nas oficinas, nas visitas que fazem entre si. Estes talvez sejam os principais elementos a serem dialogados entre universidade e Movimento popular.

Trata-se de um direito historicamente negado, principalmente à população do campo, mais precisamente às mulheres agricultoras que é resgatado pelos Movimentos dando origem a busca de outros direitos como é o caso do acesso ao ensino superior. Este direito ao acesso ao ensino superior universitário impõe à universidade maior responsabilidade e comprometimento com a sociedade civil, não desconsiderando o papel do Estado na garantia dos direitos fundamentais dos indivíduos e grupo sociais. Assim, a importância dessas relações pode ser verificada nas experiências concretas de conquistas que se efetivam no âmbito social, político e cultural, a exemplo do aumento no número de oferta de curso superior universitário para Educadores do Campo e as Licenciaturas para a Educação do Campo. E o desafio está em avançar numa educação que parte de realidades de sujeitos produtores de conhecimento. Não de tábulas rasas que nada tem a dizer.

No movimento popular, o aprendizado dos direitos se constitui enquanto base para a dimensão educativa. A educação, o acesso à escola, à produção do conhecimento para os movimentos populares está no horizonte e na fronteira das lutas a serem persistidas. Há ainda um grande distanciamento entre a academia e o Movimento Popular. No caso das mulheres camponesas, há uma compreensão

de que se trata de mais um campo de luta. A luta de ideias, concepções. A luta de projetos de sociedade.

Neste sentido, para os Movimentos Populares em geral há um consentimento de que a formação superior universitária é concebida como uma perspectiva fundamental na luta dos militantes de diferentes movimentos e outros segmentos, sob o ponto de vista do acesso ao processo de construção do conhecimento prático-teórico de qualificação de seus militantes e de intervenção nas realidades.

Do ponto de vista da universidade há que se avançar numa aproximação de seus estudantes, professores, técnicos, através da relação dinâmica ensino, pesquisa e extensão. O desafio está em superar uma visão compartimentada, fortalecendo uma postura pesquisadora de diálogo, de busca, de pergunta permanente, de interação. Sobre tudo no que se refere à ampla contribuição pedagógica dos movimentos populares ao processo de apropriação e construção do conhecimento. Isto é feito em realidades tão adversas, é para além de importante é indispensável.

7 MILITANTE PESQUISADORA E PESQUISADORA MILITANTE

Em se tratando da Unochapecó, em muitos momentos houve uma aproximação entre o MMC e a universidade e vice-versa. A efetivação de cursos de formação para dirigentes do Movimento certificados pela Unochapecó, a parceria na elaboração e construção de duas peças teatrais sobre o MMC foram uma realidade. Houve sempre professoras/es da universidade dialogando com o Movimento, assessorando temáticas afins, pesquisas, atividades do Movimento realizadas na Unochapecó, a exemplo de apresentação de teatro, debates, seminários até a busca para possibilitar a realização do projeto do MMC Nenhuma Trabalhadora Rural sem Estudar, o que não se efetivou.

A Unochapecó, como qualquer outra Instituição de nível superior é um campo de disputas. Há perspectivas diferentes, projetos diferentes, construções teóricas metodológicas que sinalizam para o mercado e outras para construção de processos emancipatórios.

É muito interessante esta questão. Primeiro porque está evidente que a História do curso de Pedagogia “quase” se entrelaça à História das Mulheres. A maioria dos cursos de Pedagogia, cada turma tem em torno de trinta, quarenta mulheres e um homem. Minha turma tinha apenas um homem. E isto de certa forma influencia no processo formativo.

Até porque, se nos reportarmos à profissão, ela tem sido representada semelhante ao trabalho no lar e, muitas vezes, utilizada para naturalizar/reforçar o magistério, especialmente das séries iniciais, como uma profissão feminina. Talvez uma das razões da pouca valorização e reconhecimento social às/aos pedagogas/os. Assim como a desvalorização do trabalho é a realidade possível de ser

verificada nas trajetórias das camponesas do MMC. São questões que carecem de pesquisas mais aprofundadas!...

Contudo, a minha formação no curso de Pedagogia e neste processo, minha atuação como militante no MMC, me possibilitou elementos para compreender e questionar certas “verdades” estabelecidas, tanto no horizonte da educação quanto da militância social. Naquele período (final dos anos de 1980 e início de 1990) o contexto de atuação da Igreja na diocese de Chapecó, enfrentava conflitos gerados pela formação orientada pela Teologia da Libertação, não aceita por uma grande maioria.

Vivenciei momentos fortes, que me fizeram amadurecer. Apenas para citar um episódio de tantos que vivenciei: Vem-me à memória a data de 16 de setembro de 1989, nesta ocasião, um grupo de lideranças de Quilombo tinha ido visitar o acampamento do MST no município de Campo Erê. Depois de meia noite, quando estávamos retornando para nossas casas, até chegar onde estavam os ônibus, tinha um trecho a ser feito a pé, quando passamos num galpão próximo ao acampamento, estava o corpo do trabalhador rural, Olivio Albani, que havia sido assassinado na luta pela terra e por Reforma Agrária.

Isto tudo fazia um diferencial no meu processo formativo. Obviamente levava temáticas a partir destas realidades para dentro do curso. São concepções, convicções e posturas militantes que passam a indagar sobre que Pedagogia, que educação e que pedagogas/os estão em formação. Tinha sempre muito interesse em compreender como fazer a transposição dos conceitos teóricos, dos diferentes componentes curriculares para a realidade e vice versa.

Foi nesse meio que a configuração militante pesquisador veio ganhando forma. Outros tempos hoje? Eu só faltava aula quando tinha algum compromisso muito nobre e buscava sempre encontrar sentido naquilo que estava estudando e fazendo. (Até hoje sou assim!) De Quilombo à Chapecó, todas as noites, depois de uma rotina de trabalho com as comunidades do interior.

Como asmática, pois até hoje ainda não me livreli da “bombinha”, no inverno sempre os desafios aumentam. Entretanto é prudente ressaltar que asma não é empecilho para nenhum militante que ousa acreditar na luta pela liberdade humana. O maior exemplo é Tche Guevara que em meio a muitas crises agudas deixou para a humanidade não apenas um programa de ideias, mas sim uma grande aspiração: uma revolução socialista internacional. Sinto orgulho dos nossos bons tempos de luta que seguem... Como é gratificante, lutar, trabalhar, estudar e pesquisar quando se tem um horizonte a perspectivar!

Eu comecei o curso de Pedagogia em 1989, um ano depois da Constituinte, processo formativo muito rico, época em que surgiam muitas dissertações e teses mostrando a influência dos movimentos sociais e populares para a formação da consciência popular do direito à educação básica, à escola pública. E estas questões eram discutidas no curso

de Pedagogia. Principalmente quem mais trazia estes debates eram os próprios estudantes.

Na época havia uma forte influência das lutas provocadas pelos Movimentos Populares do campo que estavam emergindo com força. A educação popular de Paulo Freire era tema das grandes discussões. De forma que a formação no curso contribuiu sim e muito para minha atuação na prática social e vice-versa. Tanto que, conforme disse anteriormente, fiz o meu trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, ministrando um minicurso de formação sobre a metodologia do trabalho de base, para os jovens da Pastoral da Juventude da Diocese de Chapecó.

Depois repensei este trabalho, e fomos criando e realizando oficinas, cursos de metodologias para o trabalho com as mulheres agricultoras. Minha formação no curso de Pedagogia alimentou, subsidiou e fortaleceu meu envolvimento pessoal na luta social e esta me fez uma pedagoga diferente. E hoje? O que mudou? Por que mudou? Que desafios estão postos à educação? Que Pedagogia responderá a tais perspectivas? Persistem limites, contradições e possibilidades.

Em se tratando das práticas educativas que mais chamaram atenção no curso de Pedagogia e no MMC, questão que me foi solicitada durante a pesquisa da Professora Mônica, pontuei que no curso de Pedagogia, quando eu estudava, foi todo o Trabalho de Conclusão do Curso, como extensão e qualificação de minha atuação educativa. Ali realmente se misturou ensino, pesquisa e extensão, sem fragmentação. No MMC têm várias, vou citar algumas.

O processo pedagógico preparatório e a própria concentração das mulheres agricultoras realizadas em Xanxerê, em 12 de agosto de 1992, que reuniu mais de 15 mil pessoas. Neste evento, foi o lançamento do Hino do MMA/SC⁴ escrito por uma agricultora, Salete Fornaro; No final da concentração partiu uma delegação (um ônibus) para Brasília na Luta pela Aposentadoria, Salário Maternidade. Para se chegar a isto, imaginem quantas reuniões nos grupos de base, quantos encontros formativos nas comunidades, quantas elaborações das mulheres, cartilhas, textos, folders... Quantas viagens das dirigentes acompanhando os trabalhos nas regionais, quantas práticas educativas e quantas novas consciências em formação.

8 A MENSAGEM DO MMC ATRAVÉS DO TEATRO

O teatro sobre o *Guia dos Direitos da Mulher*, apresentado na Caravana do MMA/SC, que percorreu o estado, sendo apresentado em universidades e outros espaços, fazendo o debate sobre os direitos da mulher. Para fazer o teatro li o livro, parte a parte, pois o teatro é a apresentação do conteúdo do livro. Este teatro foi realizado com jovens, alguns filhos/as de mulheres do Movimento, outros membros da PJR, entre outros. Era um grupo grande, em torno de 30 jovens.

⁴ Movimento de Mulheres Agricultoras foi o primeiro nome criado pelas mulheres quando constituíram seu Movimento, a partir de 1983. Antes de ser caracterizado como um movimento social era conhecido como Organização das Mulheres Agricultoras, depois MMC/SC, até 2004, quando o Movimento adquire caráter nacional sendo conhecido como Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil, MMC.

Foi um grande trabalho. Que prática educativa feita com esta juventude. Quanto estudo, quanta reflexão, quanto exercício de construção de um homem novo e de uma nova mulher. Ao escrever sobre isto me dei conta de que, daqueles/as jovens que participaram do teatro e que estão hoje em diferentes espaços, alguns estão contribuindo nos processos de emancipação e transformação social.

Assim apenas menciono outras práticas educativas que vivenciei e ajudei construir no MMC, inclusive no intuito de chamar atenção aos leitores/as para possíveis pesquisas. Entre elas cito ainda: A caravana “Poemas que se fazem vida”; o Mutirão dos 10 anos de MMC, o Congresso *Nenhuma Trabalhadora Rural sem estudar*; os festivais da canção realizados pelo MMC/SC; as assembleias de processo pedagógico para a consolidação do Movimento com caráter nacional em 2004; a gincana dos 30 anos de MMC realizada durante o ano de 2013.

Se “naquele tempo havia uma preocupação sobre as contribuições recíprocas dessas duas esferas (MMC e Curso de Pedagogia) para o processo de formação humana, política e pedagógica...” Eu diria que naquele tempo a relação do MMA era com a universidade em geral, mais no nível da pesquisa, do estudo. Não era algo tão intencional. O que realmente havia era a repercussão de um processo que estava mudando. Aquela “colona”, “dona do lar”, iniciava um processo de rompimento da servidão, da opressão, da exclusão e da exploração.

Começa emergir nos diferentes espaços uma nova mulher se afirmando como “trabalhadora rural”, lutando por direitos previdenciários, direitos à saúde, direitos à educação, direitos a pensar uma outra condição para quem vive na agricultura. Há um grito solto pelos ares: “Mulher também é gente!” Estas mulheres começam a pensar o campo/meio rural/agricultura como modo de vida. Está nascendo aí um novo sujeito social, dinâmico, transformador. Isto também chega à Universidade.

9 PESQUISADORA COM RESPONSABILIDADE MILITANTE

Vocês me pediram para falar sobre essa “dupla militância” e o nível de envolvimento, no MMC e no curso de Pedagogia, acentuando as possibilidades dessa relação. Esta questão me parece um tanto difícil e não sei se darei a melhor resposta ou a resposta esperada. Eunão sou muito a favor dessa forma de afirmação. Toda a militância indica comprometimento independente dos espaços em que os sujeitos estão envolvidos. Então não entendo como dupla militância o processo de construção das práticas educativas no Movimento e ou na universidade. Trata-se de espaços diferentes. São construções que abarcam realidades, contextos e processos variados, mas para os/as militantes há uma compreensão de que independente dos espaços há que se educar para a vida. E quem luta educa!

Todo pesquisador necessita destes elementos supostamente implícitos em tais posicionamentos acadêmicos e ou políticos. Compreendo que o/a pesquisador/a precisa se inserir na realidade e a partir daí pensá-la, problematizá-la. Neste caso nos é trivial a reflexão sobre o intelectual orgânico quando nos mostra que a condição do(a) pesquisador(a) militante, é “aprender as lições gramscianas do “intelectual orgânico”, apoiando e participando dos movimentos populares e/ou sociais, reconhecendo o conhecimento destes e ao mesmo tempo, socializando o conhecimento especializado das universidades” (GAMBOA, 2013, p. 23).

Neste sentido, Michel Apple (2011, p. 16) vai dizer que o educador crítico não pode “olhar da sacada”, mas deve agir junto com o Movimento Popular e a partir dali evidenciar nosso conhecimento, nossas contribuições que se caracterizam pela objetividade e também pela subjetividade.

Com efeito, uma boa parte de pesquisas de militantes (não todas) se explicita, o que fazer com tais resultados, para que servem, se haverá contribuição ou não para os processos em curso. Esta é a meu ver a grande diferença. O/a militante chega à Universidade para problematizar os processos sociais, para “desvendar” as realidades, impossíveis de serem vistas a “olho nu”, para melhor interpretá-las, compreendê-las e qualificar as estratégias de intervenção provocando mudanças, alterações nos rumos de onde as coisas vão e está indo.

Estudar, pesquisar, teorizar e propor mudanças para a militância popular é condição para continuar na luta. “Quem luta sente necessidade de estudar”! Esse é o objetivo de quem é militante em relação ao estudo. É isto que se leva para onde a gente vai. Neste sentido, penso que o importante é sempre esclarecer de onde pesquisamos, porque pesquisamos, quais as razões de nossas esperanças ao estudar, e persistir as pesquisas com afinco teórico-metodológico. Esta é uma questão que merece ser mais bem problematizada.

Situo-me como existência humana, ao mesmo tempo, como mulher, como mãe, como professora, como companheira, amiga... a mesma militante, que tem uma trajetória de vida situada em contextos diversos que me possibilitaram tomar posições firmes, fazer escolhas e definir estratégias formulando um projeto pessoal de vida militante e atuante que é alimentado no projeto mais amplo na luta pela libertação das mulheres e pela transformação da sociedade.

No meu caso, o lugar para esta definição hoje é a militância no Movimento de Mulheres Camponesas e o exercício intencionalmente, no curso de Pedagogia da Unochapecó, pois são caminhos de inter-relação mútua. E daí para onde eu estiver. Na militância a gente não escolhe lugar, ou a gente é ou abandona tudo e segue guiada pelos ditames do capital, do mercado ou qualquer outra proposta do gênero. E na Universidade precisamos sempre de vigilância cognitiva, acadêmica, política e social, pois também ali o espaço

é de disputa, de correlação de forças, de interesses. Para um/uma militante a universidade pode se constituir como outro *campo de luta*.

Durante o tempo que estive na coordenação do curso de Pedagogia me esforcei para possibilitar um espaço aberto ao debate e busca de diálogo/troca com os movimentos populares e sociais na perspectiva da educação e das suas pedagogias construídas. E isto não é de hoje (é ao longo dos seus passados 40 anos, cada época com sua intensidade e dinâmica própria. Refiro-me centralmente de quando cursei pedagogia e hoje saindo do cargo de gestão deste curso). Incorporamos no currículo a necessidade de estudar e compreender as pedagogias dos Movimentos sociais, tanto é que, nas duas últimas matrizes do curso (440 e 1033), foi inserido o componente curricular *Educação e Movimentos Sociais*.

Sinto-me feliz não tanto pelo que foi possível fazer, mas pela forma com que fizemos e pelas portas que se abriram. Continuamos fortalecendo um coletivo docente que compartilha o trabalho pedagógico. Com dificuldades e grande fragilidade iniciamos o Fórum de articulação entre o curso de Pedagogia e o Programa de Pós Graduação em Educação... Acredito que conseguimos avançar na relação entre Pedagogia e o PPGE. Interagimos de diferentes maneiras contando com a valorosa contribuição de vários docentes deste Programa em nosso curso, entre outros aspectos.

Por parte dos movimentos populares, especificamente o MMC, que é o objeto de estudo da dissertação da Professora Mônica, a insistência nesta relação mais aproximada com a universidade é histórica e se explica principalmente na perspectiva do direito ao estudo e ao acesso ao ensino superior. É interessante porque neste momento o próprio Movimento conquista o espaço universitário, seja pelo interesse de pesquisadoras⁵ que saíram do curso de Pedagogia, bem como por militantes que conquistam espaço do Mestrado em Educação, no caso da Unochapecó.

⁵ Me refiro à Mônica Tourinho e às reflexões que realizou na dissertação de mestrado mencionada no início do texto.

10 MILITÂNCIA PARTIDÁRIA

Poderia ainda registrar algo sobre a política partidária que certamente muitos leitores/as gostariam de ouvir. Mas esta experiência daria mais um capítulo de um livro. No início deste texto eu mencionei que passei por todos os lugares onde se imagina que deva estar uma militante comprometida com as causas em defesa da vida. No “tempo certo” eu estava lá dentro do Partido, dedicando tempo para a formação, pensando com o povo como esta ferramenta pode contribuir para maior participação e envolvimento popular nas decisões que historicamente pertence a um grupo seletivo na sociedade. Neste espaço compreendi as contradições, vícios que perpassam a “democracia”, mesmo entre os partidos de esquerda e os desafios para construir com o povo trabalhador um projeto diferente para Quilombo.

Eu diria que neste momento se torna atual uma das obras clássicas *Reforma ou Revolução* da Rosa de Luxemburgo. Esta autora enfrenta o debate posto por Eduard Bernstein, teórico do Partido Socialista Alemão (PSD) que passa creditar o Programa do Partido na adaptação ao sistema capitalista em detrimento do socialismo científico.

Para Rosa de Luxemburgo, Bernstein negou as premissas básicas do socialismo científico quando afirma que o capitalismo leva em seu germe sua própria destruição e que este não poderá manter-se para sempre. Negou a concepção materialista da história, as contradições capitalistas e a teoria de classe. Bernstein chegou à conclusão de que a revolução não era necessária e que poderia se chegar ao socialismo mediante reformas. Rosa de Luxemburgo criticou fortemente este membro do PSD por ter mudado os rumos de seu pensamento e acreditado que o partido deveria se transformar em partido de reforma social (LUXEMBURGO, 1979, p. 7-8).

Luxemburgo (1979) instiga a pensar que o PT foi perdendo os germes de um programa de organização partidária que apontasse para outra forma de experimentar o conceito de *democracia*. Não aquela do Estado de direito. Não aquela que incorpora a lógica de adaptação ao sistema. Mas sim, a que indica a possibilidade de vivência democrática. *“La lucha por reformas es el médio, la revolución social, el fin”* (LUXEMBURGO, 1979, p. 60).

Há um desenho de mundo com as mesmas relações da realidade capitalista sendo reproduzida. Não mais aquelas que se constituíram em embrião revolucionário que deu origem ao PT. Ou seja, o sonho de: *“... cuando la gran massa de obreiros tome em sus manos las armas afiladas del socialismo científico, todas las tendencias pequeno burguesas, lãs corrientes oportunistas, seran liquidadas”* (LUXEMBURGO, 1979, p. 62).

Pelo que parece o que ocorre na experiência política brasileira é exatamente o contrário. Verifica-se uma espécie de fortalecimento de tendências pequeno burgueses e cada vez mais ganham espaço as correntes oportunistas dentro e fora dos governos. Basta analisar as composições nos governos municipais, estadual e nacional, o que pode ser objeto de investigação e análise em outro momento.

Nesta perspectiva, *Reforma ou revolução* se constitui chave para pensar em dois paradigmas de projeto de país. Um que é o modelo neodesenvolvimentista como se apresenta na atualidade, que sempre será justificado e representado pela *reforma, pela adaptação* do sistema ao próprio sistema.

A outra noção é um projeto de país, a qual pode ser lida nas diferentes experiências populares, explícita uma visão que revoluciona e deseja transformar a estrutura sistêmica. Nesta perspectiva, o pensamento de Marx adquire sentido quando diz que “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se

defrontam diretamente [...]” (MARX, 1978, p. 23). As convicções que têm me acompanhado nesta trajetória têm sido sustentadas por estas perspectivas que moveram a Rosa de Luxemburgo até o fim de seus dias.

Assim, prefiro que vocês registrem na memória as práticas pedagógicas ali vivenciadas, entre elas, destaco: a criação do Fórum de Combate à Compra e Venda do Voto, as comunidades se envolvendo nos debates problematizando o sentido do voto, para que votar? Por que votar? Que perspectiva de município construir? Quais as bases de nosso projeto?

Outro aspecto a ser destacado foram os encontros, reuniões, plenárias de estudo, debate e tomada de decisões. Acredito que o espaço político pode ser emancipador quando exercita habilidade de ouvir, questionar e decidir com os filiados, as lideranças, com a população sobre seus problemas reais. Porque a razão do poder público existir só tem sentido se estiver a serviço do povo, de suas necessidades, de seus direitos. Para dar este passo precisa romper com as “estruturas políticas arcaicas, viciadas” e isso se faz com povo organizado.

Ainda quero salientar o envolvimento da juventude, das mulheres, dos companheiros que estiveram presente em todos os momentos, de alguns professores/as acreditando numa educação popular, libertadora. Enfim, acredito no exercício de um jeito diferente de fazer política que nasce do coração de mulheres e homens em luta.

Provamos na Justiça que a SIRLEI só não foi prefeita porque a corrupção eleitoral imperou e legitimou os resultados sem qualquer punidade possível, e principalmente o povo de Quilombo sabe como isso ocorreu.

Prefiro que vocês guardem na memória os tantos combates, a grandeza da organização popular, a força de nossa mobilização e... nem um conchavo aceito, de nenhuma prova de corrupção eleitoral. O combate que fizemos à corrupção comprovada... Nada negociado “antes” para ter que calar ou para ter que comprometer a administração “depois” e junto com ele entregar o sonho de construir com o povo outra forma de exercer o poder.

11 RELAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA E MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS (MMC)

Em relação à dupla ou tripla jornada das mulheres militantes do Movimento, não existe um padrão de cotidiano doméstico, de militância, de trabalho no campo, existem experiências e significados diferentes que cada mulher vivencia e atribui aos seus modos de viver. Obviamente, as inúmeras dificuldades encontradas pelas mulheres camponesas e suas famílias não poderão ser desvinculadas de um sistema capitalista e patriarcal, que avança cada vez mais no campo provocando o endividamento, mais trabalho, principalmente para as mulheres. Cresce a servidão.

Prolifera-se a violência, a opressão e a exploração são enfrentadas no dia a dia pelas mulheres.

O envelhecimento da população rural, que, inclusive dificulta a permanência das mulheres na militância e principalmente na direção do Movimento, sobretudo pela exigência do trabalho para sobrevivência. Esta realidade atinge diretamente as mais jovens que vivem em meio a um turbilhão de mudanças, contradições e dificuldades. Os/as jovens que ainda estão no campo, mesmo sendo poucos, têm uma estrutura pesada de trabalho. Ou moram na roça e trabalham na cidade.

Pesquisas mostram que 45% das unidades de produção estão sem sucessores, a juventude vive num processo de instabilidade, algumas ainda estão na produção, mas na medida em que conseguem emprego vão para a cidade. As causas são variadas, entre elas cito: o fascínio da cidade, a família patriarcal que não cria espaço para as jovens mulheres, pouca terra, as políticas públicas voltadas para o chefe de família, entre outros. Isto tudo mexe com o dia a dia das mulheres, com o trabalho doméstico, com a militância e com o próprio trabalho no campo.

As relações possíveis entre o Curso de Pedagogia com as práticas pedagógicas do Movimento nos remete ao que me parece fundamental e comum entre ambos que é o desafio da educação. Se partirmos da origem do termo, a palavra Educar vem do latim “educare” e significa conduzir para fora, isto é, “exteriorizar”, “trazer à luz a ideia”, “fazer crescer”, “desenvolver” as potencialidades que existem nos homens e mulheres, levando-os à intervenção neste mundo. É exatamente isto que as mulheres camponesas fazem. Elas tomam para si o desafio de refletir e agir a partir de suas realidades, elaborando e ressignificando projetos de vida e de sociedade.

A mulher camponesa, a partir do momento que vai se envolvendo no MMC, estuda, pensa e aprende na perspectiva da educação popular. Costuma-se dizer no Movimento que todo aprendizado construído em movimento é centralmente para aprender/saber mudar as realidades! As mulheres aprendem no Movimento a ler de forma diferente.

Ao ler os textos, os artigos, os livros, elas aprendem a ler suas próprias vidas e o mundo em que estão inseridas. Nesta leitura, captam, interpretam e lutam para transformar a realidade. É nesta perspectiva que percebo a aproximação do curso de Pedagogia com as práticas pedagógicas do Movimento. Uma pedagoga, um pedagogo precisa compreender como se dá o processo ensino-aprendizagem.

Como o ser humano aprende? E como ensinar? Este é um ponto central que pode aproximar o curso de Pedagogia à experiência formativa, educativa dos Movimentos Populares. Daí a importância de incorporar no PPP do curso a inserção de componentes curriculares como, Educação e Movimentos Sociais, Educação Popular, entre outros. É uma das tantas maneiras que contribui e possibilita aos acadêmicos uma aproximação com este diálogo. Cientes de que isto é insuficiente.

É necessário criar condições objetivas para possibilitar aos estudantes universitários e militantes dos movimentos populares uma aproximação sistemática, seja através de fóruns, seminários, eventos, bem como intensificar linhas de pesquisa que tem esta perspectiva. É um caminho de mão dupla. Tanto os Movimentos Populares quanto as universidades devem forjar esta relação.

Acredito muito que através do Programa de Pós-Graduação em Educação, através da educação do campo que está sendo projetada na universidade, as propostas relacionadas à educação popular em Paulo Freire, está se criando uma aproximação maior entre graduação, pós-graduação e movimento popular que poderá resultar em avanços. Mas estamos certos de que se trata de um novo posto de luta principalmente para as Universidades.

12 EMPODERAMENTO DE MULHERES EM LUTA PELA IGUALDADE

Outra questão que a professora Mônica Tourinho me fez no âmbito de sua dissertação de mestrado foi sobre a discussão de gênero. Ela me perguntou: “Tanto o MMC, quanto os cursos de Pedagogia são constituídos predominante de mulheres. Isso faz alguma diferença quando se trata de práticas educativas, cujo processo histórico é permeado por lutas, emancipação e cidadania?”

Penso da seguinte maneira. Tanto no MMC quanto no curso de Pedagogia, concordo que pelo fato de ser um universo marcado por mulheres, as lutas e esforços contraditoriamente podem ou não gerar maior empoderamento das mulheres. Seja na militância social que visa uma busca da qualidade de vida, seja no espaço da formalidade institucionalizada, que também oferece às pedagogas ferramentas, estratégias, motivações para um repensar da educação nos contextos escolares e não escolares.

A combinação de gênero requer uma profunda consciência de classe, de etnias, de geração, entre outras perspectivas. A diferença a ser alcançada deve provocar mudanças de atitudes, de pensamentos e de comportamentos socioafetivo-culturais, mudanças nas relações. Mas isto não acontece por obra do acaso. Requer intencionalidade.

Neste sentido percebemos como o estudo sobre gênero também saiu dos currículos da graduação. Já estiveram e com mais força em outros contextos. Hoje isto é mais grave ainda, principalmente pela onda conservadora e neoliberal que se espalha país afora, quando na verdade deveríamos ser os primeiros a problematizar o debate de gênero no universo escolar e não escolar, pois este é fundamental para a formação de uma sociedade mais humana e solidária.

Neste sentido, vivemos um contexto de retrocesso nesse debate e de avanço do conservadorismo, principalmente pelo falso discurso da ideologia de gênero que intencionalmente deseja colocar a mulher na condição de segundo sexo. Deseja colocar que o lugar da mulher é dentro de

casa, deseja que seja a rainha do lar. Isto chega com força nas escolas e a universidade não está fazendo este debate. Salvo algumas exceções.

Se compreendermos a sociedade enquanto realidade constitutiva da formação da pessoa e a educação entendida a partir de contextos nos quais cada sujeito se entende e se desenvolve, o ponto de partida para refletir sobre práticas educativas de mulheres, numa sociedade androcêntrica feita de contrastes, controles, com instrumentos opressivos, ideologias, projetos, marcam profundamente os que estão sendo submetidos aos processos educativos.

Se é verdadeiro afirmar que a educação nesta sociedade historicamente tem servido como forma de reprodução dos modelos sociais vigentes e daquilo que se define como projetos históricos e científicos. A educação também tem sido colocada a serviço da construção da consciência crítica, de saberes que contribuam para a inserção de mulheres e homens num projeto de transformação social, cultural, político e econômico.

É sob esta percepção que compreendo as práticas educativas, tanto no MMC quanto no curso de Pedagogia. São espaços distintos e agregadores que podem estar sinalizando para fomentar este processo histórico permeado por lutas, emancipação e cidadania feito a partir e pelas mulheres. Pois são elas, os próprios sujeitos que vão se situando no mundo, lendo e interpretando as diferentes visões, intervindo no mundo e buscando transformá-lo.

A relação entre o MMC e o curso de Pedagogia, (o/a leitor/a precisa entender que esta é uma reflexão que faço a partir de minhas próprias convicções. Milito no MMC e estou no curso de Pedagogia) no que se refere às práticas educativas, pode ser de proximidade porque como destinatários da educação, as mulheres são protagonistas e atuam como sujeitos sociais no campo, nas escolas, e em outros espaços.

Sem dúvidas, a escola e a universidade, não deixam de ser igualmente um espaço privilegiado onde as/os estudantes podem ensaiar um projeto de vida, comprometido com valores humanos e sociais que elevam a dignidade da pessoa humana. Assim como fazem as mulheres camponesas intermediadas pelo Movimento autônomo de mulheres. E se a universidade, o ensino superior não mudar as concepções de seus estudantes, para que servirá?

A sociedade vive hoje em meio a profundas transformações. As novas tecnologias, a “rapidez” de acesso às informações, tudo se encontra em permanente questionamento e mudanças. Cada vez mais se faz necessário dialogar sobre o percurso pelo qual a educação tanto formal quanto informal tem como funções a cumprir, sobretudo apontando e exigindo políticas educacionais que respondam a tais desafios na perspectiva de uma educação emancipatória, libertadora e popular.

É claro que em se tratando da universidade, o caminho dos cursos de formação de professores e suas políticas, remetem-nos às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs).

Estes documentos oficiais apresentam brechas que nos permitem trabalhar com outras realidades como é o caso de gênero, diversidade, direitos, entre tantos mais.

Alguns propõem temas transversais, outros a inserção de componentes curriculares específicos, outros ainda que sejam abordados em ementas e conteúdos, o que já sinaliza um processo em construção feito por quem está atuando nestes espaços e não como algo pronto, acabado, inquestionável.

Um aspecto que considero importante destacar, a partir da reestruturação institucional da Unochapecó que vem ocorrendo desde 2013, é que no curso de Pedagogia, este momento não passou despercebido para fazer o debate das políticas educacionais. Na atualidade e o processo de formação de professores que tem como preocupação central por parte do colegiado e coletivo de professores, responder aos desafios que estão colocados à Pedagogia e às licenciaturas de modo geral neste século XXI.

A nova matriz curricular mesmo com graves problemas a serem corrigidos, foi possível contemplar neste processo, a inserção de componentes específicos, como é o caso da Educação e Movimentos Sociais. Mas isto é insuficiente. O desafio reside em buscar solidificar estratégias que possibilitem avanços nas políticas educacionais e processos formativos que, por sua vez, integrarão as pedagogias formais com as pedagogias dos Movimentos Sociais e Populares, visando maior reciprocidade na produção do conhecimento.

Destaco como fundamental importância para este debate a existência do Fórum Permanente de discussões sobre a relação entre pesquisa/estágio/pós-graduação no curso de Pedagogia. Porém este é um grande desafio, algo novo, precisa ser assumido com maior rigor por todos nós. Esta é uma iniciativa feita na relação mestrado em educação e graduação, que está possibilitando o aprofundamento do debate em torno da reorganização das matrizes curriculares, bem como a busca para consolidar-se com espaço que dialoga com a proposta de tornar real uma concepção de currículo intensivo e não fragmentado. Este processo necessariamente provocará tensões salutares no campo das políticas educacionais, porém, urge fortalecer e assegurar a interação do curso com os movimentos sociais de forma mais ampliada.

Sobre o envolvimento das mulheres nas atividades realizadas pelo MMC. Este é o grande diferencial. As mulheres camponesas se auto-organizam, fazem sua própria formação, isto é, na medida em que fazem seus processos formativos, estendem-no em seus diferentes espaços de base. O envolvimento já nasce em meio às suas responsabilidades. Elas aprendem como coordenar uma reunião de base porque chegando lá na comunidade, na regional, no município terão a tarefa não só de chamar as mulheres para o encontro, bem como se preparar para coordenar as reuniões.

Esta dinâmica vai qualificando o envolvimento das mulheres nas suas próprias atividades. É por isto que elas

mudam seu jeito de ser, de pensar, suas concepções e suas práticas. O envolvimento das mulheres nas atividades realizadas, não é algo tranquilo, nem linear, é um processo conflitivo, porque elas são as protagonistas deste fazer-se mulher camponesa, deste fazer-se movimento popular.

13 COMPROMETIMENTO COM AS LUTAS POR TRANSFORMAÇÃO

Entendo que pelo fato de continuar militante no MMC e estando no curso como professora, a intencionalidade desta relação por sua vez, aprofunda-se. Mas tenho consciência, clareza e sou adepta da ideia de que a militância é acima de tudo comprometimento com as lutas com a transformação em defesa da vida. Por isto procuro fazer bem, o que eu faço onde me encontro e naquilo que assumo. Isto é, me entrego por inteiro às lutas, utilizando as minhas forças e possibilidades de compromisso ético, político e social em prol da libertação das mulheres por um projeto societário “para além do capital”.

Vocês da Revista Pedagógica me pediram para narrar sobre as memórias de envolvimento do MMC, digo-lhes: é minha vida! E quem realmente me conhece sabe do que estou falando, embora eu não esteja lá no espaço interno do Movimento a maior parte do tempo. E como gostaria de poder estar todo meu tempo, como já estive em épocas passadas. Mas a militância exige da militante que dê conta de sua vida, de sua sobrevivência. E onde está a militante é lugar para construir valores novos.

O bonito nisto tudo é que faço do meu ofício de professora na Universidade uma extensão da militância apreendida no movimento popular. Talvez seja esta minha principal marca a ser deixada para a história do curso de Pedagogia da Unochapecó. Não me dedico mais, também na universidade, porque tenho limites pessoais, familiares. Tenho um filho que vive uma situação especial e que requer de mim toda atenção e já falei, não me descuido disso.

Não deixo faltar o amor de uma mãe militante e lutadora que aposta numa vida com mais dignidade para todos, por isso, luto de forma incondicional também pelo meu filho e esta condição me faz mais professora e mais militante. A gente não é militante porque é bonito ou porque não tem o que fazer. A gente se faz militante todo dia porque acredita que é possível mudar as relações e construir outras perspectivas para a vida. Outro projeto, outro mundo é possível!

Este comprometimento me leva a crer que é também tarefa minha buscar uma aproximação maior do curso de Pedagogia com o MMC e com os demais movimentos populares. Compreendo que há uma bagagem histórica nas múltiplas pedagogias criadas que devem ser problematizadas, discutidas e socializadas. Há um campo de pesquisa a ser ocupado pela universidade. Mas precisa ser integrado, provocado, motivado para que outras pessoas busquem

compreender as diferentes dinâmicas sociais que, muito contribuem para qualificar práticas pedagógicas escolares, inclusive. Mesmo saindo da coordenação do curso continuarei construindo e apostando nestes referenciais.

Em se tratando sobre concepção das práticas educativas no interior do MMC, destacando seus limites e possibilidades. Nomeadamente, sobre a importância político-pedagógica dos projetos e programas concebidos e desenvolvidos neste âmbito. Posso dizer que as práticas educativas no interior do MMC revelam, em primeiro lugar, uma visão de mundo e uma opção política que vai se originando de convicções também construídas ao longo do processo que aponta para a necessidade dos novos rumos. Podemos colocar no âmbito das práticas educativas as reuniões, encontros, cursos, teatros, mobilizações entre outros que vão ensinando as camponesas a aprender fazer, fazendo e pensando sobre o que fazem. Isto possibilita uma motivação para o enfoque central da luta das mulheres: a conquista de uma vida digna.

É o engajamento das mulheres que vão se inserindo em diferentes espaços, como as comunidades de base, espaços das igrejas, sindicatos, escolas, universidades, populares, que vão demarcando sua importância política pedagógica dos projetos e programas desenvolvidos neste âmbito.

Poderia citar como exemplo o “programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças do MMC/SC” que busca articular o trabalho histórico das mulheres camponesas na produção diversificada de alimentos com a resistência de produzir alimentos saudáveis.

É interessante observar como as mulheres ao participar das oficinas de sementes vão repensando seu trabalho produtivo e não aceitam mais qualquer pedaço de terra para plantar. Elas começaram refletir e exigir um pedaço de terra boa, próximo da casa para cultivar a diversidade de alimentos e retomar a produção agroecológica. No grupo familiar elas se contrapõem à agricultura convencional, ao agronegócio, às sementes transgênicas, aos agrotóxicos.

Assim, as sementes crioulas, o horto medicinal, a produção de alimentos saudáveis, a recuperação das plantas nativas e frutíferas, o cuidado com as fontes de água são ações políticas das mulheres que resultam na produção de novos conhecimentos. As sementes crioulas para as mulheres tem um significado histórico. Antes de mais nada significam a vida. A alimentação. Por isso é luta política.

Faço questão de destacar que muitas práticas educativas no interior do MMC estão sintonizadas com as questões mais amplas que ameaçam a vida humana. Cito como exemplo, a ação do dia 8 de março de 2006, quando duas mil mulheres da Via Campesina no sul do Brasil ocuparam uma área da empresa Aracruz Celulose em Barra do Ribeiro (RS). A data e o lugar – sede da II Conferência Internacional sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural da FAO – foram simbolicamente escolhidos para demonstrar

a indignação dessas camponesas com a mercantilização da natureza, em curso hoje no mundo.

Nesta ação, resultado de muitas práticas no interior dos movimentos populares do campo, denunciaram que o eucalipto é a principal espécie que danifica o solo de forma irreparável. Além disso, as raízes do eucalipto penetram nos lençóis freáticos, prejudicando o abastecimento de água das regiões. Cada pé de eucalipto é capaz de consumir 30 litros de água por dia. Elas denunciaram que a Aracruz gera apenas um emprego a cada 185 hectares plantados, enquanto a pequena propriedade rural gera um emprego por hectare.

Em uma conferência mundial que discutia Reforma Agrária, a ação realizada pelas mulheres da Via Campesina Brasil colocou em questão que os governos que desejam “acabar com a fome” não poderão mais continuar patrocinando e legitimando companhias como essa. Apenas multiplicam o deserto verde, causando desemprego e violentam o povo brasileiro.

As mulheres claramente se posicionaram naquele contexto afirmando não ser contra a pesquisa. Pelo contrário, buscam pesquisar cada vez mais. Mas pesquisar soluções para os problemas do povo, e não apenas ampliar a produtividade para aumentar o lucro das transnacionais. Foi uma ação política de mulheres determinante para colocar, em nível internacional, o debate sobre soberania alimentar, como direito dos povos.

Então, como se pode perceber, trata-se da concepção de práticas educativas no interior do MMC que, em suas formas de luta, explicitam os limites e potencialidades das lutas específicas e gerais que envolvem a vida das mulheres, de suas famílias, da vida camponesa e da humanidade.

O sentido de tais experiências, o aprendizado que temos neste meio procuramos trazer para dentro da universidade. Mas nem sempre isto é fácil. Pois são dois mundos que por vezes se diferenciam. No curso de Pedagogia há uma motivação que acentua a importância de estudo, análise e interpretações a partir das práticas pedagógicas não formais, não escolares, principalmente pela experiência dos Movimentos Sociais.

As viagens de estudo feitas semestralmente/anualmente para o conhecimento de quais são as pedagogias utilizadas nestes espaços, a possibilidade de estágios em espaços não formais, a busca crescente pela pesquisa em movimentos populares e movimentos sociais, o interesse de alguns professores sensíveis a estas problemáticas e abertos a encarar os desafios deste contexto. Algumas pesquisas feitas nesta direção são possibilidades de avanços na construção de outros conhecimentos e de uma perspectiva de educação transformadora.

Os limites vêm na mesma direção e são muitos. Em se tratando da graduação há que se considerar que hoje, diferentemente de outros contextos, parece “não estar na moda” pesquisar movimentos populares. É como se não

fizesse mais tanto sentido às contribuições de mão dupla entre universidade e movimentos populares. Há sim um maior distanciamento. Por isso, os Trabalhos de Conclusão de Curso que tratam sobre temáticas que envolvam os Movimentos Populares estão em campo minoritário. Entretanto há que se destacar a importância do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Unochapecó para repensar outras perspectivas de educação. Acredito que a inserção de militantes dos movimentos populares neste Programa reforça a possibilidade de novos caminhos, de novas práticas pedagógicas e de novas epistemologias educacionais. Há sinais visíveis de comprometimento com as problemáticas sociais. Isto fortalece o Programa de Pós-Graduação em Educação, cria laços com a graduação e se estende às realidades onde atuam os Movimentos Populares chegando ao chão da escola, das comunidades e vice-versa.

Isto posto, acredito à guisa de autocrítica, que a minha trajetória no MMC e na universidade, apresenta sinais de legados ainda provisórios, que indica possibilidades de fortalecimento e superação político-pedagógica. Há muito que construir, e lutar tanto no Movimento, quanto na universidade. Por enquanto, vou construindo a história, sem perder de vista os desafios do enfrentamento com as contradições postas nas duas frentes inseparáveis de luta: o movimento popular e a universidade!

De todo esse movimento, tiremos todos, as lições de tantos e perenes aprendizados na vida social, econômica, política, cultural e ideológica. Sendo assim, diferentemente do que dizem e afirmam muitos, eu repito: A história não é nada linear. Concluo com o poema de Bertolt Brecht:

Nossos inimigos dizem

“Nossos inimigos dizem: a luta terminou.
Mas nós dizemos: ela começou.

Nossos inimigos dizem: a verdade está liquidada.
Mas nós sabemos: nós a sabemos ainda.

Nossos inimigos dizem: mesmo que ainda se conheça a verdade
ela não pode mais ser divulgada.
Mas nós a divulgaremos.

É a véspera da batalha.
É a preparação de nossos quadros.
É o estudo do plano de luta.
É o dia antes da queda de nossos inimigos.”

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. Rose Marie Muraro: a saga de uma mulher impossível. Disponível em: <<https://leonardoboff.com.br/>>

wordpress.com/2014/06/22/rose-mrie-muraro-a-saga-de-uma-mulher-impossivel>. Acesso em: 7 jan. 2015.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma o Revolucion?** Bogotá: Editorial Pluma, 1976.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril, 1978. (Coleção Os Pensadores).